

ALFAGUARA



Douglas Stuart

Um lugar para Mungo

Tradução de Nuno Quintas



Junto à esquina, Mungo parou e tirou do ombro a mão do homem. O gesto tão assertivo apanhou todos de surpresa. Mungo virou costas e, semicerrando os olhos ao andar do prédio do bairro social, os olhos começaram-lhe a tremer do tique nervoso. A mãe, que o mirava através do padrão espigado das cortinas de rede, tentava-se convencer de que aquele tremor eram os olhos a piscarem-lhe de satisfação, um meigo código morse a telegrafar que ia ficar tudo bem. B. E. M. O seu mais novo era assim. Sorria quando não queria. Fazia tudo só para os outros se sentirem bem.

A Mo-Maw fechou a cortina e debruçou-se à janela, feita mulher à procura de companhia. Levantou a caneca de chá numa das mãos e bateu no vidro com as unhas pintadas de rosa-pérola. Tinha escolhido aquela cor para os dedos parecerem mais jovens: parecendo as mãos mais novas, também o rosto, e todo o seu eu, pareceria. Viu Mungo de cima a mudar novamente de direção, os pés dele a rodarem para casa. Ela sacudiu as unhas pintadas, enxotando-o. «Desaparece!»

O rapaz ia ligeiramente curvado, com a mochila a formar-lhe uma bossa nas costas. Na dúvida do que levar, tinha-a enchido, sem grande convicção, de coisas inúteis: uma camisola da ilha de Fair um tamanho acima do seu, saquetas de chá, o caderno de desenho todo manuseado, um jogo do ludo e umas bisnagas de pomada medicinal já a meio. Mas vacilava à esquina, como se a mochila o pudesse fazer cair

de costas na sarjeta. A Mo-Maw sabia que a mochila não estava pesada. Sabia serem os ossos dele a tornarem-se peso morto.

Aquilo era tudo para o bem dele e, ainda assim, ele tinha o descaramento de a encarar dali de baixo com um olhar desconsolado. Fazia demasiado calor para aquelas parvoíces dele. Ele dava-lhe cabo dos nervos. «Desaparece!», soletrou ela outra vez com a boca, e deu um gole no chá frio.

Os dois homens mandriavam à esquina. Partilhavam um suspiro, um relance e um risinho antes de pousarem as mochilas e acenderem um cigarro. A Mo-Maw percebia-os cheiinhos de vontade de se irem embora — estas vielas não apreciavam caras desconhecidas — e ser preciso paciência para não instigar logo o filho. Os homens eram suficientemente espertos para não obrigarem Mungo, não ali tão perto de casa nem quando ainda poderia escapulir-se. Os olhos deles, quase fechados, viravam-se sempre para Mungo, à espera atenta de ver o que o garoto iria fazer, enquanto as mãos lhes esquadriavam os bolsos das calças e descolavam as bolas das virilhas. O dia iria ficar pesado e abafado. O homem mais novo tocava-se. A Mo-Maw passava a língua por dentro da boca.

Mungo alçou a mão para acenar à janela, mas a Mo-Maw olhou-o com má cara. Ele deve ter sentido a expressão dela endurecer, ou talvez achasse ser uma criancice acenar, pois desistiu do gesto e agarrou no ar, parecendo um homem a afogar-se.

Nos calções largueirões e no corta-vento grande de mais, era como um miúdo abandonado com roupa oferecida pelos outros. Mas, afastando do rosto uma mecha de caracóis, a Mo-Maw viu o maxilar dele cerrar-se, lembrando-lhe o rapaz determinado em que ele se transformava. Ela voltou a bater no vidro. «Tu não me faças essa cara feia.»

O mais novo dos dois homens avançou e pôs o braço nos ombros de Mungo. Mungo estremeceu do peso. A Mo-Maw viu-o a esfregar os braços de lado, lembrando-lhe as nódoas negras que se lhe despontavam nas costelas. Bateu no vidro: «Vá, desaparece-me lá!» Nisto, o filho baixou o olhar e deixou-se levar. Os homens riam e davam-lhe palmadinhas nas costas. «Lindo menino. Valente.»

A Mo-Maw não era crente, mas levou as unhas rosa aos céus e agitou-as em aleluia. Despejou o chá na planta-das-aranhas seca e, enchendo a caneca de vinho fortificado, subiu o volume da música e atirou com os sapatos para um canto.

Os três viajantes apanharam uma camioneta municipal até à Rua Sauchiehall. Fazia uma rara brasa em Glasgow, o que os obrigou a abrir caminho pela correnteza de bandos de arruaceiros em tronco nu, já queimados do sol. Nos bancos da rua alinhavam-se avozinhas de braços encorpados, todas armadas de chapéus e bons casacos de lã, a suarem em bica do buço. Pirralhos de cara peganhenta saltitavam pela rua, as mulheres enfiavam a cabeça nos peitos carnudos e dormitavam ao calor. Lembavam Mungo dos pombos do bairro, grandes e ociosos, de olhos semicerrados e cabeças engolidas pela plumagem do pescoço.

A cidade fervilhava do som dos artistas de rua a competirem com o arsenal metálico dos ensaios de uma banda da ordem protestante de Orange. Os flautins dos orangistas faziam, qual canto dos pássaros, um meigo trinado, por comparação com o baque grave do tambor lambegue. A toada era tão tocante, que um cavalheiro mais velho e de aparência esmerada se perdia em devaneios e chorava grandes lágrimas de orvalho. Mungo esforçava-se por não guardar a visão

deste homem a chorar de maneira tão notória. Não percebia se chorava de dor, se de orgulho. Da manga do casaco do senhor espreitava a bracelete cintilante de um relógio dos caros, que Mungo decidiu, sem outra explicação, ser demasiado aparatoso e indiscreto para um católico.

Os dois homens arrastavam-se ao sol, vergados pelas braçadas de sacos de plástico finos, pela sacola de equipamento de pesca e por uma mochila de campismo. Mungo ouvi-os queixarem-se de sede. Só os conhecia havia uma hora, mas já o tinham dito diversas vezes. Pareciam andar sempre com sede.

— Tou a aguar por um copo como deve de ser — disse o mais velho. Já estava vermelho que nem um tomate e com calor a mais no fato de sarja grossa. O outro ignorou-o. Andava de pernas arqueadas, como se as calças de ganga apertadas lhe assassem a pele das coxas.

Levaram o rapaz à estação das camionetas e, num chovalhar de moedas, embarcaram na carreira para a zona norte de Glasgow, rumo às verdes colinas de Dumbarton.

Aberto o caminho ao banco de plástico corrido das traseiras da camioneta, os dois homens suavam e ofegavam. Mungo sentou-se no meio deles e fez-se o mais pequeno que pôde. Quando um deles olhou pela janela, Mungo estudou-lhe o perfil. Se se virassem, iria fingir-se interessado na janela do outro lado para evitar o olhar deles.

Mungo cingiu o queixo e, a ver passar a cidade parda, tentou parar a comichão que se lhe espalhava pela cara. Sabia que começara outra vez naquilo: o nariz enrugado, os olhos a piscarem, o rosto como que prestes a espirrar sem nunca espirrar. Sentiu que o homem mais velho olhava para ele.

— Não me alembro da última vez que saí da cidade.
— Era uma voz rouca, como se tivesse engolido torradas secas.

De vez em quando aspirava, vacilante, a meio de uma frase, cada palavra parecia poder ser a última que conseguiria dizer. Mungo tentava sorrir para o homem, que tinha, porém, algo de indagador que tornava difícil olhá-lo nos olhos.

O estranho de fato virou-se para a janela do seu lado, e Mungo aproveitou então para o examinar por completo. Era um homem de traços angulares e já nos cinquenta ou no começo dos sessenta, mas os anos tinham-lhe sido de certeza duros. Mungo já vira a laia dele. Os rufiões protestantes dos bairros sociais, jovens que não estudam nem trabalham, andavam muitas vezes atrás destes homens pela piada: juntavam os bêbados ruidosos à porta do clube dos trabalhadores, atormentavam-nos até ao tasco do peixe frito e debandavam quando dos bolsos rasgados lhes caía a última moeda. O desleixo com a comida e o excesso de bebida tinham-no definhado e amarelado. Tinha pele a mais em gordura a menos, e o rosto pálido enrugava-se-lhe que nem maçã bem madura.

O casaco puído do homem não casava com o par de calças do fato, de joelhos mais descaídos que pele tesa. Trazia debaixo do casaco uma *T-shirt* estampada com o anúncio de um canalizador do South Side, e a gola rasgada separava-se-lhe do corpo. Mungo perguntou-se se aquela seria a única roupa que o homem tinha: cheirava a bafio, parecia andar com ela ao sol e à chuva.

Sentiu uma estranha compaixão por ele. O homem tremia ligeiramente. Os anos passados a evitar a luz do dia em bares escuros haviam-lhe dado as reações nervosas de um galgo *whippet* obrigado a ir para a neve, nos olhinhos dardejantes e nos membros longos e espasmódicos de um cão maltratado. Parecia à beira de desatar a fugir.

Quando o último arranha-céus desapareceu de vista, o homem de fato fez uns sonzinhos que ocuparam o ar vazio,

num convite aos outros para se juntarem à conversa. Mungo encostou o queixo ao peito e ficou calado. O mais novo coçava o entrepernas. Mungo mirava-o pelo canto do olho.

Este parecia já ter os seus vinte anos. Usava calças de ganga escura com o cinto apertado por baixo do logótipo, para não cobrir aquele orgulhoso *Armani*. Era bem-parecido — ou andara em tempos lá perto —, mas havia nele alguma coisa estragada, como um bom pedaço de carne que se deixou cá fora. Apesar do calor, envergava um grosso blusão de aviador. Quando o tirou, Mungo notou-lhe os braços cingidos de massa magra, que denunciavam ou um trabalho pesado, ou anos de combate, ou ambos.

Tinha o cabelo cortado rente e a franja penteada com gel formando uma linha à frente, em pontinhas serrilhadas, como que cortadas por uma tesoura dentada. Mungo notou-lhe os nós dos dedos. Tinha a pele melada como os Escoceses raramente têm: talvez fosse da ralé italiana ou espanhola por via dos irlandeses hispânicos, de tez mais escura.

Todo o rasto dessas fábulas românticas se foi ao dizer no sotaque raso e glotal de Glasgow:

— Bah. Não tinhas de te preocupar aqui co St Christopher. — Falava sem olhar para nenhum deles. — Ele era capaz de emburrar um burro.

Mungo pensava porque estaria numa camioneta com St Christopher enquanto o outro homem remexia outra vez no nariz. O mindinho do sujeito escarafunchava a narina, e Mungo reparou-lhe nos anéis com a libra esterlina gravada que ele tinha em todos os dedos e nos antebraços cobertos de tatuagens entrelaçadas. Era um homem cheio de palavras: dos nomes das marcas no peito aos sapatos, às calças, à pele. Com uma agulha de costura, escrevera na pele nomes de mulheres e de gangues: «Sandra», «Jackie», «RFC», «The Mad Squad».

Aqui e ali, a tinta azul da esferográfica borrara e vertia-se-lhe sob a pele como aguarela, tingindo-o de um tom lilás bonito. Mungo lia-lhe atentamente os braços e gravava o máximo na memória.

St Christopher meteu a mão num dos sacos de compras e, num piscar de olhinhos matreiro, tirou meia dúzia de latas de cerveja. Sem descolar a vista da nuca do motorista, soltou duas latas do plástico que as estrangulava e ofereceu-as ao miúdo e ao tipo tatuado. Mungo abanou a cabeça, mas o mais novo recebeu a lata com um gemido agradecido. Abriu-a e prendeu os beiços na espuma que fugia. Acabou com ela em três goles valentes.

St Christopher só podia ter lido a mente do rapaz, pois disse:

— A mim chamam-me St Christopher porque, todas as quintas e domingos, vou aos Alcoólicos Anónimos da Rua Hope. Sou o Christopher dos domingos e quintas, pra não me confundirem co de Castlemilk ou co Cenourinha. — Deu um sorvo, Mungo viu-lhe a garganta debater-se para engolir tudo. — S-T Christopher, tás a ver¹?

Mungo já ouvira algo do género. A Mo-Maw também era conhecida por «Maureen das segundas e quintas». Era por esta Maureen que os outros alcoólicos perguntavam quando Mungo atendia o telefone do corredor. Quem ligava queria ter a certeza de não ser enganado e de ter dado com a casa da «Maureen de Millerston» ou da «Maureenzinha

¹ St Christopher (Sunday-Thursday Christopher) é uma abreviatura das iniciais de *Sunday* (domingo) e *Thursday* (quinta-feira), resultando na alcunha «St Christopher» e jogando com a abreviatura de santo (St). St Christopher também significa, pois, São Cristóvão, o padroeiro dos viajantes. A alcunha da mãe de Mungo, «Mo-Maw» (Monday-Thursday Maureen) resulta igualmente da redução Mo, de *Monday* (segunda-feira) e, por aproximação fonética, do termo carinhoso *mawmaw* (mamã). (*N. do T.*)

de Castlemilk». Distinções pequenas, mas importantes para honrar o código do anonimato.

— Às vezes dão-me uns tremores do camandro e tamém tenho de ir à das quartas. Mas não consigo. — St Christopher fez um esgar de tristeza. — Tás-me a entender?

Mungo esforçava-se muito por entender o que as outras pessoas queriam realmente dizer. A Mo-Maw e Jodie, a irmã dele, andavam sempre a chateá-lo por causa disso. Ao que parece, podia haver alguma distância entre o que alguém diz e o que devemos perceber. Jodie dizia que ele acreditava em tudo. A Mo-Maw afirmava que gostava de o ter criado para ser mais perspicaz, não se deixar levar por toda a gente. Tem piada ser uma decepção, porque somos francos e partimos do princípio de que os outros também podem ser. As maroscas das pessoas partiam-lhe a cabeça.

St Christopher sorvia a lata, e Mungo sugeriu:

— Se calhar mais vale ir também às quartas. E se for mesmo preciso?

— Ah, mas eu gosto da minha alcunha. — Meteu a mão por dentro da camisa e sacou um pequeno medalhão de estanho de um santo. Fitou-o do alto do nariz bexigoso. — «S-T Christopher». Foi a coisa mais simpática que já disseram da gente.

— Não bastava dar o apelido?

— Não era lá muito anónimo, pois não? — interrompeu o homem tatuado. — Se desatas a abrir a boca e a contar dos teus demónios a toda a gente, podem-te encontrar aí nas ruas.

Mungo bem sabia como as pessoas tinham demónios. O da Mo-Maw aparecia sempre que ela brigava por bebida. Era uma cobra lisa, feita enguia, de mandíbula e olhos atentos de fuinha, o pelo eriçado de uma ratazana sarnenta. Coisa escorregadiça numa corrente de metal que a sacudia e a arrastava

àquilo de que ela se devia manter longe. Era uma cobra gulosa e esperta. Poderia ficar dormente, à espera de os filhos irem para a escola após um beijo de despedida à mãe, para se virar contra a Mo-Maw, esganando-a como se fosse um rato tiritante. Outras vezes, enrolava-se dentro dela e pesava-lhe no peito. O demónio andava sempre à tona, até nos dias bons.

Nos dias em que se rendia à bebida, o demónio ficava um tempo serenado. Mas às vezes a Mo-Maw conseguia-se entregar tanto à bebida que se transformava em toda uma outra mulher, em toda uma outra criatura. O primeiro sinal era a pele ficar-lhe flácida, como se o verdadeiro rosto lhe deslizasse destapando a estranha à espreita. Mungo, o irmão e a irmã chamavam a esta versão flácida a «Espantalha», um ser desumano e desajeitado. Ela, por mais que os filhos a enchessem de amor ou a tentassem apoiar e recompor, levava-lhes todo o carinho e atenção e sentia-se tão vazia como sempre.

Quando a Espantalha falava, o maxilar ficava-lhe pendurado e a língua enrolava-se-lhe na boca de maneira porca e lasciva, como se quisesse muito lamber alguma coisa. A Espantalha achava sempre que andava a perder festas, que acontecia algo mais animado na casa do lado ou escondido algures no bairro. Quando se sentia assim, virava-se para os filhos e enxotava-os feitos avezinhas sem graça. A Espantalha encontrava sempre mais luz, mais risota, mais tudo nas mulheres sem filhos.

A Espantalha tornava-se a melhor amiga das mulheres que acabava de conhecer, confessava-lhes os segredos mais íntimos enquanto durasse meia garrafa de uísque, e sentia-se magoada quando estas novas amigas não tinham a mesma espessura emocional. Quando discutiam, ela arrastava-as, ou arrastavam-na

a ela, pela alcatifa e escadas abaixo. De manhã, Mungo dava no chão do corredor com tufos de cabelo cheiroso, palha de um espantalho desmanchado, agitados pela corrente de ar que silvava debaixo da porta de entrada. Ele ou Jodie aspiravam esses tufos e nada diziam.

Foi Jodie a dividir a mãe em duas. À fria luz da manhã, o truque ajudava Mungo a perdoar a Mo-Maw quando a bebida a tornava rancorosa e detestável.

«Não era a Mo-Maw», tranquilizava-o Jodie, agarrando-o no armário da roupa junto à caldeira, «era só a medonha da Espantalha, que agora está a dormir.»

Mungo sabia como eram os demónios. Conforme a camioneta rumava a norte, deixava-se ficar sentado em silêncio, a pensar nos seus próprios demónios.

— Quem me dera que este condutor desse à porra do pedal — disse o tatuado. Meteu a mão no saco entre as pernas, com uma alça de lona cravada de iscos de cores berrantes. Vasculhou a tripa que seria isco na pescaria e tirou uma bolsa de tabaco. Enrolou um cigarro grosso, passando a língua pela mortalha. Deu uma passa funda e soprou o fumo para dentro da lata vazia. Pôs a mão na boca como se tivesse apanhado uma aranha, mas já o fedor a tabaco ia viajando pela camioneta. Uns passageiros viraram-se e fulminaram os lugares de trás. Mungo inclinou-se por cima dele, num sorriso manso, e desenganchou o ferrolho da janela estreita.

— Tu fumas? — perguntou-lhe o homem, por entre baforadas vorazes. Os olhos eram de um verde intenso, aqui e ali com lampejos dourados.

— Não.

— Boa. — Deu outra passa das grandes. — Faz-te mal.

St Christopher estendeu a mão trémula, e o tatuado largou o cigarro hesitante. St Christopher inalou e encheu-se até

não poder mais. Os beijos secos colavam-se-lhe à mortalha húmida. O tatuado bateu com o ombro no de Mungo.

— Os meus sócios chamam-me Gallowgate por causa donde venho. — Ajustou os anéis com as libras e, com a cabeça, fez sinal ao motorista, que estava alheado. — És um puto nervoso, não és? Calma. É só ele abrir a boquinha que lhe enfio uma naifada.

St Christopher chupou a ponta do cigarro até lhe queimar os dedos.

— Gostas de ir à pesca?

— Não sei. — Mungo ficou contente por ver o cigarro morrer. — Nunca fui.

— Onde a gente vamos, apanha-se lúcio, enguia, truta — disse Gallowgate. — Podes passar o fim de semana a pescar que não vem ninguém te pedir licença. A uns cinquenta quilómetros à volta, não há vivalma.

St Christopher assentiu.

— Pois não. É o mais perto que chegas do céu em três carreiras.

— Quatro — corrigiu-o Gallowgate —, quatro carreiras. A lonjura apertou na alma de Mungo.

— O peixe pode-se comer?

— Depende do tamanho dele — disse Gallowgate. — Na época em que acasalam, apanha-se tanto que é preciso uma arca das frigoríficas pra guardares tudo. A tua mãe tem uma das grandes?

Mungo abanou a cabeça. Pensou na arca congeladora minúscula e cheia de gelo da Mo-Maw. Perguntou-se se uma truta deixaria a mãe contente, mas duvidou disso. Nada do que ele fazia a parecia deixar satisfeita. Ele ultimamente deixava-a de coração apertado, sabia disso porque ela lho contara. Ele tentara não se rir quando ela lho disse, mas só

conseguia imaginar o coração dela a percorrer-lhe, agitado, o salão do peito e a sacudir um lençinho branco. Na altura, Jodie revirara os olhos e dissera: «Ouve lá, Maureen. Tu tens mesmo coração?»

Mungo beliscou a bochecha, passava a camioneta por Dumbarton e vislumbravam-se as margens ocres do lago Lomond. Recordou-se das coisas duras que a Mo-Maw dissera. Ele sabia porque estava aqui: a culpa era dele.

— Que idade tens tu? — perguntou-lhe Gallowgate.

— Quinze. — Mungo tentou-se endireitar à altura inteira, mas as costelas ainda lhe doíam e a suspensão desta camioneta antiga era péssima. Ele tinha uma altura média para a idade, fora dos últimos a dar o pulo. Hamish, o irmão mais velho, gostava de lhe agarrar no queixo e lhe inclinar a cara à luz. Observava o fino buço que crescia em Mungo como se fosse um jardineiro a ver de uma muda raquítica. Hamish soprava-lhe no buço só para o irritar. Mungo não era particularmente alto, mas ainda era mais alto que o irmão. Hamish detestava isso.

St Christopher estendeu a mão e envolveu nos dedos esguios o pulso do rapaz.

— Inda és um cachopinho, não és? Dava-te uns doze, treze aninhos no máximo dos máximos.

— Tá quase homem feito. — Gallowgate lançou um dos braços tatuados por cima dos ombros do garoto. Trocou um olhar matreiro com o amigo. — Já te desceram os tomates, Mungo?

Mungo não respondeu. Os tomates, completamente inúteis e enrugados, limitavam-se a existir. Se descessem, desciam até onde?

— Aí em baixo, tás a ver? — Gallowgate deu-lhe um soco ao de leve na virilha.

— Não sei. — Mungo dobrou-se para se proteger.

Os homens riam-se sozinhos e Mungo tentava-se juntar a eles, mas o seu riso era consciente, atrasara-se por meio compasso. St Christopher desatou numa tosse seca, Gallowgate virou-se com desdém para a janela e disse:

— Vamos olhar por ti, Mungo. Não te preocupes. Passamos um bom bocado, e depois podes levar peixinho fresco à mãezinha.

Mungo massajava as bolas doridas. Pensava novamente no coração apoucado da Mo-Maw.

— Isso. A tua mãe é uma mulher como deve ser. A modos que já não há muitas assim. — Gallowgate começou a morder a pele seca do indicador e a cuspi-la. De repente, parou o que fazia. — Posso ver? — Antes que Mungo pudesse dizer que não, prendeu a mão na parte de baixo do corta-vento do rapaz. Começou a alçá-la e a despi-lo. — Deixa a gente espreitar só um bocadinho.

Mungo ergueu os braços e permitiu que o homem lhe levantasse o corta-vento de *nylon*, até lhe cobrir a cara e tudo banhar numa amena luz azul. Mungo não via, mas ouvia-os a eles e à sua respiração irregular. Inspirar triste, pausa, suspiro. Gallowgate tinha a ponta do dedo pegadiça no sítio onde a mordiscara. Premiu-a na nódoa negra, e cada vez mais negra, no peito de Mungo, e este sentiu-a viajar-lhe no esterno e pela curva da costela inferior, como se o homem traçasse um mapa. Gallowgate espetou-lhe o dedo nas costelas e, como que para lhe testar a macieza, enterrou-lho no hematoma. Mungo retraiu-se e contorceu-se para fugir. Puxou a roupa para baixo, na certeza de que o rosto lhe fervia. Gallowgate abanou a cabeça.

— Isso tá com mau ar. A tua mãe contou-nos da bulha em que te metestes cos cabrões dos fénianos. São católicos, pá. Têm todos caras de anjinho.

Do autor de *Shuggie Bain*, romance vencedor do Booker Prize, chega a bela e perigosa história do primeiro amor entre dois rapazes.

Aos quinze anos, Mungo vive num bairro operário de Glasgow, no seio de uma família protestante. Sem pai, com uma mãe alcoólica e um irmão que representa tudo o que ele odeia, a irmã Jodie é o único amparo. Adolescente com uma sensibilidade diferente da dos rapazes que o rodeiam, encontra em James, rapaz católico, um amigo improvável.

Depois de um conflito familiar, a mãe decide enviar Mungo numa viagem de pescaria com dois desconhecidos: a ideia é que façam dele um homem como deve ser. No caminho para um lago no Oeste da Escócia, com os dois homens de passado obscuro, Mungo só pensa em regressar para junto do amigo James, o único lugar onde pode ser quem é.

Os dois rapazes vivem uma história de amor ensombrada por um ambiente violento e excessivamente masculinizado. A principal ameaça está dentro de portas: Hamish, irmão de Mungo, é líder de um gangue local, e a descoberta da verdade resultaria num castigo inominável.

Com sensibilidade e lirismo, Douglas Stuart apresenta-nos ao intenso e perigoso primeiro amor de dois adolescentes, numa narrativa tão lúcida quanto comovente sobre os limites da masculinidade, os grilhões da família, a violência social — e o perigo de se amar alguém desmedidamente.



«O amor e a esperança superam as barreiras religiosas, num romance intenso, arrojado e emocionalmente exigente. [...] Se o primeiro livro anunciou Douglas Stuart como um romancista promissor, este confirma o seu prodigioso talento.»

The Guardian



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [alfaguaraeditora](#)
  [penguinlivros](#)

ISBN 9789897849183



9 789897 849183 >